

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 82175

Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 549 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 3



Bloco de Notas

João Vieira Pereira
jvpereira@expresso.impresa.pt

E, AGORA, JÁ CHEGA?

Dá um enorme jeito ter um governador para dar porrada. E quanto mais o Banco de Portugal faz mais jeito dá.

Cinco anos depois da falência do BES todos sabiam que Ricardo Salgado era um péssimo banqueiro, que aldrabava contas e vendia gato por lebre a clientes do banco. E defendem alto e bom som que tinha sido possível tirá-lo do banco mais cedo. Mas há cinco anos ninguém se atrevia a fazer-lhe frente. E se hoje alguns cospem na mão que antes iam beijar, ainda encontramos acirrados defensores que aproveitam qualquer fragilidade do governador do Banco de Portugal para apregoar teorias de que era possível ter salvado o BES, ou seja, que Salgado é inocente. Mesmo que exista, como existe, uma sentença do Tribunal de Santarém que confirma as condenações do Bdp à gestão de Ricardo Salgado e Morais Pires.

Carlos Costa tem fragilidades. Sem dúvida. Há coisas que correram mal na atuação do Banco de Portugal. Mas se algum mérito tem de ser dado àquela instituição é a celeridade com que tem tratado os processos que abriu contra gestores da banca. Salgado e companhia já foram condenados em quatro processos diferentes e, esta semana, o Expresso divulga as condenações de outro banqueiro, por sinal bastante próximo de Salgado. Tomás Correia foi considerado culpado de repetidamente, durante vários anos e com dolo, incorrer em pelo menos sete ilicitudes. O Ministério Público também abriu processos contra estes indivíduos e nem acusação há.

Entre outras coisas, o supervisor deu como provado que o ex-presidente da Caixa Económica Montepio Geral aprovava créditos a seu bel-prazer para ocultar perdas do banco, que o fez várias vezes e que chegou a dizer a

quem devia dinheiro ao banco que afinal lhe ia emprestar mais e que podia pagar o calote de juros e capital daqui a uns anos. Estas pérolas da ruínoza gestão bancária serviam para favorecer uns clientes ao mesmo tempo que escondiam debaixo do tapete perdas do banco.

Tudo isto aconteceu entre 2009 e 2014. Tomás Correia já não é presidente do banco. Mas lidera a Associação Mutualista Montepio responsável pela gestão da poupança de 600 mil associados. E lá vai continuar porque este Governo, pela mão do ministro Vieira da Silva, o protegeu ao fazer uma lei que, ao atribuir a supervisão da Mutualista à Autoridade dos Seguros, deu 12 anos para cumprirem com as regras a que são obrigados. Ora, na visão do ainda presidente do supervisor dos seguros, isso quer dizer que só

Tomás Correia só se mantém à tona de água porque muitos o protegem. Resta saber se depois destas condenações vão continuar a olhar para o lado ou a assobiar para cima

em 2030 é que tem de se pronunciar sobre a idoneidade de Tomás Correia, como se a idoneidade fosse uma doença que pode ser curada.

Ou seja, se Carlos Costa, governador do Banco de Portugal, não viu que Salgado andava a destruir o BES, o que dizer de quem acha que um gestor que é condenado pelas maiores patifarias enquanto liderava um banco serve para gerir a associação Montepio. Tomás Correia só se mantém à tona de água porque muitos o protegem. Resta saber se depois destas condenações vão continuar a olhar para o lado ou a assobiar para cima. Por mim, já não sei o que é preciso mais para dizerem a Tomás Correia 'basta!'

Tendo culpa ou não em alguns dos créditos concedidos de forma irregular na Caixa, Carlos Costa vai terminar o seu mandato com a popularidade pelas ruas da amargura. E estava destinado a isso. Nos anos em que esteve à frente do Banco de Portugal teve de gerir a falência de Portugal e a queda do sistema financeiro. Pelo caminho fez muitos inimigos, dos quais Salgado e Tomás Correia são apenas dois. É por isso que quanto mais batem em Carlos Costa mais a certeza tenho de que ele mexeu, ou está a mexer, num vespeiro de malfeitores que achavam estar acima da lei. E, pelo caminho, nas críticas, vamos vendo quem estava comprometido com quem.